



GABINETE DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

## **SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 2011**

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal  
Exmos. Srs. Deputados Municipais  
Exmos. Membros do Executivo Municipal  
Digníssimas Entidades  
Caros representantes da Comunicação Social  
Caras amigas e amigos

As minhas primeiras palavras são para todos os que estão hoje e aqui a evocar o trigésimo sétimo aniversário de um dia que marcou indelevelmente as nossas vidas, porque nos deixou um legado de liberdade e de futuro que, por muitos e contra que sejam os ventos e marés desta nossa tão maltratada democracia, nada nem ninguém nos poderá tirar. O vinte cinco de Abril, muito mais do que uma celebração de calendário que cumprimos com a mesma obrigação ou devoção de qualquer outro feriado, é uma fronteira de mudança, marcada pelo desejo de um país novo, eternamente prometido e eternamente adiado. É por isso é que há uma grande diferença entre assinalar Abril e festejar Abril. Assinala-se aquilo que é distinto, mas festeja-se aquilo que é significativo, aquilo que vem lá de dentro da alma, aquilo que nos vincula enquanto pessoas e cidadãos. E o vinte cinco de Abril foi e tem que continuar a ser uma festa, não no sentido do foguetório e dos discursos de ocasião, mas no plano da memória e dos significados. É fundamental que, pelo menos no coração e na memória das pessoas, se guarde aquela festa que o José Mário Branco cantou a propósito do seu regresso a Portugal em Maio desse ano de todos os cravos ....

E então olhei à minha volta  
vi tanta esperança andar à solta  
que não hesitei  
e os hinos cantei

foram feitos do meu coração  
feitos de alegria e de paixão

Perdoem-me por isso se, mais uma vez, ao invés de profundíssimas divagações sobre a ciência política, que de todo seria competente para fazer, vos traga apenas um lote de palavras, ditadas a meias entre o coração e a razão, que são a minha forma de entender e celebrar este dia em que a liberdade voltou a fazer sentido. Este é porventura o maior privilégio do cargo que desempenho, o de poder partilhar convosco algumas modestas ideias e opiniões, mas sobretudo expor-lhes os meus sentimentos e emoções sobre um tempo que cada vez me coloca mais dúvidas e menos certezas, sobre o país que sonhámos e os caminhos que trilhamos. Não é, certamente, um discurso com qualquer carga política, no sentido partidário do termo. Mas é, com toda a certeza, uma intervenção política de um cidadão que continua a acreditar que a liberdade e a democracia não são um exclusivo de ninguém, do ponto de vista dos ideários, mas acarretam responsabilidades que têm que ser aferidas e sustentadas nos cidadãos. Não basta falar em democracia para se ser democrata, como não chega agitar o estandarte da liberdade, quando não a defendemos sempre, e particularmente quando confrontados com verdades que nos doem. A ideologia que conforma esta minha intervenção, e sobre a qual conformo desde sempre a minha forma de estar, é a da liberdade. E esta é porventura a melhor homenagem que posso prestar a todos quantos lutaram para que Abril nos trouxesse tempos de esperança.

Nos tempos que correm, são muitas e perigosas as tentações de reescrever a história, travestindo factos e figuras, numa tentativa de justificar um regime que apenas sobrevivia pelo recurso à ignorância e à opressão de todo um povo. São até visíveis tentativas de branqueamento das figuras sinistras de Salazar e Caetano, como se de vítimas e não de algozes se tratassem, esquecendo-se por vezes que por detrás dessas memórias aligeiradas, há milhentas histórias sinistras por contar. As celas húmidas da António Maria Cardoso ou a frigideira do Tarrafal, deixaram registos que são disso eloquente exemplo. Mas reconheço que para boa parte das gerações mais jovens, confrontadas com discursos populistas e disfarçados de bem intencionados, não seja muito difícil aceitar que a liberdade é uma coisa tão natural que está adquirida. É sempre mais fácil dar real valor à liberdade para aqueles que se viram privados dela. Para os outros, aqueles que sempre conheceram a liberdade, talvez faça pouco sentido este tipo de evocações, já que sempre puderam falar sem receio de mal entendidos, já que lhes é difícil entender aquele medo que tolhe as pessoas, que as faz desistir de lutar, aquele medo que o poeta Reinaldo Ferreira definia assim:

Quem dorme à noite comigo?  
É meu segredo, é meu segredo!  
Mas se insistirem, desdigo.  
O medo mora comigo,  
Mas só o medo, mas só o medo!

Gritar? Quem pode salvar-me  
Do que está dentro de mim?  
Gostava até de matar-me.  
Mas eu sei que ele há-de esperar-me  
Ao pé da ponte do fim.

É fundamental por isso que, em todas as oportunidades, reavivemos a memória para que possamos reafirmar, sem quaisquer hesitações, que Abril valeu e valerá sempre a pena, enquanto houver almas grandes que tenham a liberdade, a solidariedade, a paz e a justiça social como referenciais de vida e de cidadania. É preciso trazer mais gente para a dimensão de Abril, gente que coloque os valores da democracia como traves mestras da sua intervenção cidadão. E para isso, claro que é preciso levar Abril às escolas, falarmos do país que éramos, sem papões nem complexos, contar as histórias que se escondiam por detrás de uma alegre História de Portugal, que exaltava os feitos e os milagres, mas escondia os fracassos e as prepotências. E quando o tal Abril de 74 cá chegou, Portugal ainda era um país amarfanhado na sua pequenez e isolamento, cheio de gente triste e conformada com o seu destino, castrador dos seus cidadãos mais sóbrios e corajosos.

Era uma vez um país  
de tal maneira explorado  
pelos consórcios fabris  
pelo mando acumulado  
pelas ideias nazis  
pelo dinheiro estragado  
pelo dobrar da cerviz  
pelo trabalho amarrado  
que até hoje já se diz  
que nos tempos do passado  
se chamava esse país  
Portugal suicidado.

Dos descobridores quinhentistas, pouco restava na segunda metade do século passado, por muito que se tentasse mascarar as realidades. Temos todos ainda bem presente, aquela geração da mala de cartão, de gente simples e iletrada em fuga de um país que lhes negava tudo, tantas vezes a salto, fugindo alternadamente da pide ou da guárdia

civil, para alimentar biddonvilles de miséria, vagamente disfarçados pelos francos que conseguiram amealhar à custa de horários de trabalho sobrehumanos. Enquanto os corpos penavam por terras de França, os corações continuavam a bater forte pelas memórias que deixavam nas suas aldeias de origem. Não fora por vontade nem por gosto que haviam deixado a sua terra, como cantava a balada, mas a fome e o desespero tinham falado mais alto. E partiam às escondidas da noite, com medo de despertar o presente mas envergonhados do seu passado recente.

Ei-los que partem  
de olhos molhados coração triste e a saca às costas  
esperança em riste sonhos dourados  
ei-los que partem  
de olhos molhados

A informação e a cultura eram privilégio de alguns. O lápis azul da censura encarregava-se de moldar uma imagem de um país irreal para consumo doméstico. Glorificavam-se os feitos de Eusébio, a voz de Amália e as promessas de milagres de Nossa Senhora de Fátima. Exibiam-se para turista ver, as sete saias da Nazaré, o Galo de Barcelos e os ouros das mulheres de Viana. No cinema, os filmes eram anteceditos por blocos de notícias pré fabricados, que davam conta de gente próspera e sorridente, bem distante da maior parte das que sentavam o rabo na desconfortável plateia de pau do Cinemar. E os estudos, na opinião das doutas figuras do regime, apenas faziam falta a alguns, particularmente aos eleitos para o perpetuar. Às mulheres exigia-se-lhes que fossem boas donas de casa e boas mães e difundia-se a ideia de que a pobreza era uma espécie de dom divino que bafejava os mais felizes.

No conforto pobrezinho do meu lar,  
há fartura de carinho.  
e a cortina da janela é o luar,  
mais o sol que bate nela...  
Basta pouco, pouquinho p'ra alegrar  
uma existência singela...  
É só amor, pão e vinho  
e um caldo verde, verdinho  
a fumegar na tigela.

Mas o quadro era outro, desenhado por pinceladas bem mais grosseiras e cinzentas. Era o de um país que se esvaziava de homens e mulheres

que se recusavam a cumprir um destino imposto por um regime que procurava esconder o bafio das suas ideias, a obsolescência das suas perspectivas, em autênticas encenações de louvor ao estado novo, alimentadas por milhares de excursões encomendadas, autocarros lotados de gente que sabia que não convinha dizer que não. E com o rebentar da guerra, Portugal ficou ainda mais vazio e triste, preso na perplexidade de ver partir a sua juventude, por uma causa que muitos não compreendiam e outros tantos eram incentivados a glorificar. Rosália de Castro escreveu um poema para a sua Galiza, que foi cantado em Portugal por Adriano Correia de Oliveira e que, em minha opinião, retrata bem esses tempos

Este parte, aquele parte /E todos, todos se vão  
Galiza ficas sem homens /Que possam cortar teu pão  
Tens em troca /Órfãos e órfãs  
Tens campos de solidão /Tens mães que não têm filhos  
Filhos que não têm pão

E nas entrelinhas destas nossa História durante tantos anos muito mal contada, havia quem tivesse que sobreviver de joelhos para que outros, que deveriam ser iguais, se pudessem chegar às mordomias de muito poucos:

Ai o meu pobre filho, que rico que é / ai o meu rico filho, que pobre que é / nascidos do mesmo ventre  
um vive de joelhos pr'ó outro passar à frente  
e esta velha mãe pr'áqui já no sol poente

Mas entre o faz de conta da Mocidade Portuguesa e o prémio da Mulher Ideal, entre a crueldade de uma polícia política que não hesitava em torturar e assassinar os que lutavam pela liberdade e uma cáfila de bufos que, por dois tostões, eram capazes de denunciar o próprio irmão, entre as prédicas bolorentas da União Nacional e o horizonte de esperança aberto pelo Movimento Democrático Português, entre o épico desvio do assalto ao paquete Santa Maria, capitaneado por Henrique Galvão, a candidatura de Humberto Delgado, com a fatal promessa de que demitiria Salazar se fosse eleito e os Discursos em Família de Marcelo Caetano, havia todo um mar de gente que, cada vez com mais intensidade, fazia ouvir a sua voz, contra a guerra em África, contra a fome a miséria, contra a opressão. E já nem os muros das prisões conseguiam calar a revolta. Recordo duas estrofes de um magnífico poema de Sérgio Godinho, cantado por Zé Mário Branco, em jeito de um diálogo entre iguais, porventura separados por uma metafórica parede, que tanto pode ser uma cela, como uma consciência feita de medo e dúvidas, de um lado, e de coragem do outro:

Eh! Companheiro aqui estou  
aqui estou pra te falar  
Estas paredes me tolhem  
os passos que quero dar  
uma e feita de granito  
não se pode rebentar  
outra de vidro rachado  
p'ras duas pernas cortar

Eh! Companheiro resposta  
resposta te quero dar  
Só tem medo desses muros  
quem tem muros no pensar  
todos sabemos do pássaro  
cá dentro a qu'rer voar  
se o pensamento for livre  
todos vamos libertar

E a verdade, é que Portugal renasceu nessa manhã que foi desperta por uma canção de Paulo de Carvalho e que fez da Grândola, do Zeca, a canção de uma revolução que em vez de tiros teve flores. O povo é quem mais ordena, cantava-se nas ruas deste nosso País. Permitam-me que partilhe convosco um bocadinho desses tempos. Eu tinha dezoito anos, naquele dia do mês de Abril do ano de 1974, que amanheceu claro e sem grandes nuvens. Como toda a gente naquela idade, vivia a fogueira do protesto, a intensidade da procura de respostas, perante as notícias que, mais ou menos clandestinamente, nos iam soprando aos ouvidos. Uma passagem militante como operário da Lisnave tinha-me dado alguma formação política e de há muito que as minhas leituras e músicas preferidas eram importadas. Em minha casa, num frágil gira-discos, ouvia-se há muito, bem baixinho como convinha, o Zeca, claro, o Luís Cília, o Francisco Fanhais, o Fausto, o Sérgio Godinho, o Chico Buarque, o Geraldo Vandré Manuel Freire e o excelente trabalho de Zé Mario Branco, mudam-se os tempos mudam-se as vontades, comprado por mim na Valentim de Carvalho no dia em que saiu e retirado do mercado Pela censura ou pela pida poucos dias depois. Claro que fiz o que toda a gente fez. Vim para a rua cantar um país que ia mudar, que e finalmente nos dava a liberdade de mudar e decidir, que nos prometia o pão, a paz e educação. Um país que prometia uma melhor distribuição da riqueza, o fim da guerra, a liberdade total de acesso à informação. Um país que finalmente podia dar as mãos ao mundo livre, que podia e devia abraçar as causas da liberdade e da solidariedade. Foram loucos esses tempos de Abril de 1974. Parecia que todo o tempo era pouco para fruir tantas coisas que nos tinham tirado durante tantos anos. E depois havia a festa dos cravos nas pontas das g3 dos soldados sem ódios. Cantava-se que o povo unido jamais seria vencido e que a liberdade estava a passar por ali e

era preciso guardá-la bem. E do outro lado do atlântico, também marcado pela opressão, chegava a mensagem do Chico Buarque Sei que estás em festa pá, fico contente, enquanto estou ausente, guarda um cravo para mim ...

Mas entretanto, passaram trinta e sete anos, e muitas das letras cantadas e dos slogans trocados foram esquecidos ou quase, como se hoje fizessem pouco sentido. Premonitoriamente ou não, o Chico Buarque reescreveu a tal canção, passados poucos anos, e passou a cantar

Foi bonita a festa, pá  
fiquei contente  
'inda guardo renitente, um velho cravo para mim  
Já murcharam tua festa, pá  
mas, certamente  
esqueceram uma semente nalgum canto de jardim

E é verdade. Com o passar dos anos, fomos constatando que era muito ténue a fronteira entre um país assumido e um país adiado. E não temos dúvidas que Abril tem muito por cumprir. Temos um país pobre e endividado, minado por histórias de compadrio e corrupção, em muitas alturas dirigido, a muitos e elevados níveis por gente pouco mais que mediana com pouquíssimos escrúpulos, capaz de no mesmo instante nos vender o paraíso do futuro, com a mesma lata com que hipoteca em poucos dias promessas passadas. Estamos num País onde toda a gente mente com quantos dentes tem na boca e mais alguns, sem que haja qualquer consequência. Somos aliás cada vez mais um povo arrumadinho e discreto, arrimado a etiquetas sejam elas políticas ou outras, com medo de protestar, porque parece mal, e claramente acomodado às migalhas que sobram dos grandes festins e negociatas que se fazem por aí, à sombra de discursos de magnatas que muitas vezes já têm, imaginem, a ousadia de falar em nome do povo. Em muitos casos, tornámo-nos mesmo numa espécie daquele trocapiças inventado pelo Manuel Paulo para uma canção da Ala dos Namorados, lembram-se? Temos cada vez mais uma democracia de fato inteiro e gravata de cor a condizer, com discursos palavrosos tecnicamente assistidos, com imensamente mais parra que uva. E muitos questionam-se: E os idosos, pá? E o sistema de saúde, pá? E a Escola Inclusiva, pá? E os jovens pá? E o povo, pá? Claro que não há tempo nem pachorra para os mais idosos, que o FMI não deixa, nem tempo ou oportunidades para os mais jovens, porque o BCE não quer. Mas temos pelo menos a capacidade de protestar. É caso para questionar a tal geração à rasca se, a ficarmos por cá, não vale a pena lutarmos por um país construído em alicerces de oportunidades, onde a decência e a competência sejam as imagens de marca do futuro. E para isso temos que ser muito mais exigentes do que somos. Temos que apontar o dedo a quem nos

promete o céu e nos dá o inferno, temos que dizer claramente que não pactuamos com a mentira e com a demagogia. Temos sobretudo que exercer o direito à revolta. Temos que saber dizer não, com a mesma veemência com que o fez o poeta João Apolinário, num poema de 1988, e que não resisto a reproduzir-vos aqui:

Recuso-me a ficar amolecido  
Tragicamente cilindrado  
E muito antes de lutar - vencido  
E muito antes de morrer - violado.

Recuso-me ao silêncio e à mordaça  
Serei independente, livre e exacto  
A verdade é uma força que ultrapassa  
A própria dimensão em que combato.

Recuso-me a servir a violência  
Embora a minha voz de nada valha  
Mas que me fique ao menos a consciência  
De que tentei romper esta muralha.

Recuso-me a ter medo e a estiolar  
Na concha dos poetas sem mensagem  
Que me levem o corpo e a coragem  
Mas que fique esta voz para cantar.

Permitam-me por isso e para terminar, que deixe aqui as minhas saudações a todos quantos foram determinantes para que Abril tivesse acontecido. Desde logo a Salgueiro Maia, emblema de humildade e entrega à democracia, e, na pessoa dele, a todos os militares que foram decisivos para que hoje aqui possamos estar, nesta mesma casa onde pessoas como Álvaro Cunhal, Angelo Veloso, António Metelo Perez, Rui D'Espina, Dias Lourenço, João Pulido Valente, entre tantos outros, pagaram a ousadia de protestar por não poderem fazer o que nos junta aqui hoje, ou seja, a falar livremente, de portas abertas e sem constrangimentos. Mas também fica aqui a minha gratidão a todos quantos de uma forma ou de outra e em momentos diferentes da nossa história, estiveram ao lado da democracia, como é o caso de políticos como Salgado Zenha, Bento Caraça ou Sá Carneiro, escritores e poetas como Ary dos Santos, Miguel Torga ou Sofia de Melo Breyner, mulheres antifascistas de fibra e garra invulgares como Alda Nogueira, Irene Cortesão, Isaura Borges Coelho, Maria Barroso, Maria Elvira Cortesão, Maria Eugénia Varela Gomes, Maria Fernanda Silva, Maria Isabel Aboim Inglês, Maria Lamas, Stella Piteira Santos e Virgínia Moura, entre tantas

outras, nomes grandes da Educação como Ruy Luis Gomes e Magalhães Godinho, da música como Lopes Graça, Zeca Afonso ou Luís Cília...

Cabe aqui sempre a evocação de alguns nomes da nossa terra, também todos eles já desaparecidos, mas que tiveram há sua maneira, uma participação activa nessa forma de projectar a democracia e a liberdade que é o municipalismo. Estariam aqui certamente hoje comigo, vários amigos que faziam do vinte e cinco de Abril uma bandeira e outros, porventura menos exuberantes nestas convicções abrilistas, mas ainda assim não menos empenhados nas suas causas. Que falta me fazes, caro Aleixo Brás, com a tua simplicidade e dedicação na luta pela liberdade. Que saudades tenho do entusiasmo militante da Rosa Caneira. O quanto aprendi com o meu amigo e colega vereador Luís Alberto Correia. Que falta que nos fazem, a nós e à nossa terra, pessoas com a entrega e dedicação da D. Rute Gonçalves, do Evaristo Cavalheiro, do Dionísio Costa, do Ilídio de Abreu, do Franco Pinto, do Belmiro Alves, do José Maria Assalino, e de certamente muitos outros que caberiam aqui por direito próprio. Ou outros, porventura mais anónimos, mas não menos militantes, como o Norberto Pedrosa, o Zé da Costa, o Sé Diogo ou o António Costa.

Esperam-nos tempos muito difíceis, cada vez mais apelativos do nosso sentido cívico e da nossa capacidade de luta. Sublinho as palavras de Ary dos Santos, quando diz que as portas que Abril abriu, nunca mais ninguém as fecha. E é por isso com um poema dele que termino esta minha alocução. É preciso acreditar no futuro, mas só vale mesmo a pena sonhar se lutarmos por esse sonho. E nesta luta, cabem todos os que, como eu, fazem da liberdade e da democracia autênticas bandeiras. Em toda a parte e em todas as circunstâncias.

Isto vai meus amigos isto vai  
um passo atrás são sempre dois em frente  
e um povo verdadeiro não se trai  
não quer gente mais gente que outra gente

Isto vai meus amigos isto vai  
o que é preciso é ter sempre presente  
que o presente é um tempo que se vai  
e o futuro é o tempo resistente

Depois da tempestade há a bonança  
que é verde como a cor que tem a esperança  
quando a água de Abril sobre nós cai.

O que é preciso é termos confiança  
se fizermos de Maio a nossa lança  
isto vai meus amigos isto vai.

Viva o 25 de Abril

Viva a Democracia

Viva a liberdade